

AS FACETAS DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: UMA PROPOSTA PARA ESTRUTURAR PESQUISAS FUTURAS

*THE FACETS OF EMOTIONAL INTELLIGENCE: A PROPOSAL TO STRUCTURE
FUTURE RESEARCH*

PAULA APARECIDA LEDIER SCHORSCHER
FACULDADE DE TECNOLOGIA DE SÃO ROQUE

MONICA APARECIDA DA SILVA
FACULDADE DE TECNOLOGIA DE SÃO ROQUE

ALINE CRISTINA DOS SANTOS
FACULDADE DE TECNOLOGIA DE SÃO ROQUE

MARCELO CARVALHO
UNINOVE – UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO

Nota de esclarecimento:

O X SINGEP e a 10ª Conferência Internacional do CIK (CYRUS Institute of Knowledge) foram realizados de forma remota, nos dias 26, 27 e 28 de outubro de 2022.



ANOS
SINGEP

AS FACETAS DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: UMA PROPOSTA PARA ESTRUTURAR PESQUISAS FUTURAS

Objetivo do estudo

O objetivo deste artigo é entender as origens dos estudos sobre a Inteligência Emocional, aclarar o conceito e identificar o estado atual da pesquisa.

Relevância/originalidade

Uma análise bibliométrica do tema pode auxiliar no mapeamento das principais abordagens e aclarar os pilares conceituais construídos, de modo a sintetizar descobertas de pesquisas anteriores, facilitar a divulgação do conhecimento e, assim, contribuir para o avanço do campo de pesquisa

Metodologia/abordagem

Foi conduzido um estudo quantitativo, por meio de uma pesquisa bibliométrica com análises de citação e cocitação. Foram selecionados 9.048 artigos, publicados até 2021, na base Web of Science.

Principais resultados

Foram identificados os autores mais profícuos, os artigos mais influentes, as principais abordagens conceituais adotadas e a construção colaborativa sobre o tema.

Contribuições teóricas/metodológicas

Este artigo contribui ao retratar a trajetória percorrida no desenvolvimento da estrutura conceitual de pesquisa sobre Inteligência Emocional e incentivar novas avenidas de pesquisa

Contribuições sociais/para a gestão

A complexidade conceitual, somada à popularidade do termo, pode resultar em interpretações errôneas, de modo a gerar expectativas e usos com pouco, ou nenhum, embasamento científico. Faz-se necessário aclarar, as diferentes abordagens, indicando seu correto uso e alcance.

Palavras-chave: Inteligência Emocional, Revisão de Literatura, Bibliometria

THE FACETS OF EMOTIONAL INTELLIGENCE: A PROPOSAL TO STRUCTURE FUTURE RESEARCH

Study purpose

The purpose of this article is to understand the origins of studies on Emotional Intelligence, clarify the concept and identify the current state of research.

Relevance / originality

A Bibliometric Analysis can help to map the main approaches and clarify the conceptual pillars built, in order to synthesize findings from previous research, facilitate the dissemination of knowledge and, thus, contribute to the advancement of the research field

Methodology / approach

A quantitative study was conducted through a bibliometric research with citation and co-citation analyses. A total of 9,048 articles were selected, published until 2021, in the Web of Science database.

Main results

The most relevant authors, the most influential articles, the main conceptual approaches adopted and the collaborative construction on the topic were identified.

Theoretical / methodological contributions

This article contributes by portraying the trajectory taken in the development of the conceptual framework for research on Emotional Intelligence and encouraging new avenues of research

Social / management contributions

The conceptual complexity, added to the popularity of the term, can result in misinterpretations, in order to generate expectations and uses with little or no scientific basis. It is necessary to clarify the different approaches, indicating their correct use and scope.

Keywords: Emotional Intelligence, Literature Review, Bibliometric Analysis

1 Introdução

Empresas têm intensificado a valorização das habilidades comportamentais em seus colaboradores. De acordo com o portal G1 (2020), o trabalho em equipe, a inteligência emocional e a comunicação assertiva são as principais habilidades desejadas pelas grandes empresas. Ressalta-se ainda que, no Brasil, a Inteligência Emocional (I.E.) é a mais valorizada, com 62,4% das empresas investindo em competências técnicas transversais, seguido pela Colômbia com 60,6%, e o México, com 59,9%. Essa busca se dá pela importância do aspecto emocional na tomada de decisão em um cenário marcado pela instabilidade. No entanto, a popularização do termo I.E. não indica, necessariamente, seu uso correto. Muitas vezes seu significado é distorcido e a literatura científica sobre o tema é desprezada (Mayer et al., 2011).

Inteligência Emocional (I.E.) é “a capacidade de realizar um raciocínio preciso sobre as emoções e a capacidade de usar as emoções e o conhecimento emocional para melhorar o pensamento” (Mayer, Roberts & Barsade, 2008, p. 511). Goleman (2011) indica que a I.E. é a capacidade do indivíduo em se motivar a alcançar seus objetivos, sem agir por impulso, de modo a aguardar o momento propício para realização de seus desejos. Portanto, o indivíduo deve manter a tranquilidade, a fim de evitar que sua ansiedade possa interferir em suas decisões. Nesse sentido, “se queremos entender melhor o comportamento de alguém na organização, é bom que saibamos alguma coisa sobre sua personalidade” (Robbins, 2009, p.78).

O conceito, criado por Salovey e Mayer (1990), recebeu maior interesse a partir da década de 1990 (Mayer, DiPaolo & Salovey, 1990; Goleman, 1995; Bar-On, 1997), sobretudo, impulsionado pelos trabalhos de Goleman (1995, 1998), que introduz a aplicação de I.E. no ambiente de trabalho. Os achados se mostraram promissores, visto ser conhecido que os indivíduos são movidos por suas emoções primárias, tais como tristeza, medo e raiva. Caso essas emoções não sejam trabalhadas, a pessoa poderá agir de forma impulsiva, tomar decisões equivocadas e comprometer os resultados esperados. No contexto empresarial, esse controle é importante para a tomada de decisão assertiva, de modo a minimizar os efeitos nocivos de um problema. Por consequência, a I.E. revela-se como um diferencial positivo, que melhora a capacidade competitiva da empresa (Goleman, 2011).

Embora exista vasta literatura sobre o tema, o conceito multidimensional observado na Inteligência Emocional mantém a demanda por novos estudos, de modo a organizar e estender os saberes obtidos. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é entender as origens dos estudos sobre a Inteligência Emocional, aclarar o conceito e identificar o estado atual da pesquisa. Uma revisão bibliográfica do tema pode auxiliar no mapeamento das principais abordagens e aclarar os pilares conceituais construídos, de modo a sintetizar descobertas de pesquisas anteriores, facilitar a divulgação do conhecimento e, assim, contribuir para o avanço dessa corrente específica de pesquisa.

Foi conduzido um estudo quantitativo, por meio de uma pesquisa bibliométrica, a fim de mensurar os índices da produção sobre o tema, identificar os autores mais profícuos e a rede de ligação e colaboração entre eles e os artigos mais relevantes (Vogel & Güttel, 2013; Zupic & Čater, 2015; Mostaghel et al., 2022). Foram selecionados 9.048 artigos, publicados até 2021, na base *Web of Science*. Foram realizadas análises de citação e cocitação. O artigo foi estruturado, além da Introdução, em Referencial Teórico, Metodologia, Análise dos Resultados e Discussão, e Considerações Finais.

2 Referencial Teórico

Inteligência Emocional (I.E.) pode ser compreendida como “a capacidade de perceber e expressar a emoção, assimilar a emoção no pensamento, compreender e raciocinar com a

emoção e regular a emoção em si mesmo e nos outros” (Mayer et al., 2011). Embora o termo tenha sido encontrado em publicações anteriores à década de 1990, seu uso era inconsistente e ocasional (Mayer, Roberts & Barsade, 2008). O conceito é estruturado e difundido a partir da publicação de Salovey e Mayer de 1990 (Bru-Luna et al., 2021; Montenegro et al., 2021), ganhando popularidade com o livro *Emotional Intelligence* (Goleman, 1995). Essa popularidade é expandida para o ambiente empresarial com o lançamento do livro *Working with emotional intelligence* (Goleman, 1995).

Ressalta-se, no entanto, que passadas três décadas da publicação de Salovey e Mayer, o tema ainda recebe diferentes abordagens e conceituações. Para Salovey e Mayer (1990), a Inteligência Emocional é vista como um conjunto de habilidades inatas, o modelo de quatro classes, tratadas de modo integrativo. Uma segunda abordagem, mista, trata o construto como um misto de habilidades, competências e traços, e é protagonizada por duas correntes de pesquisa: uma liderada por Daniel Goleman e outra por Reuven Bar-On. Para Goleman (1995), a inteligência emocional contempla cinco habilidades emocionais: autoconsciência, automotivação, autocontrole, empatia e habilidades sociais. Bar-On (1997, p.14) conceitua a I.E. como “uma série de capacidades, competências e habilidades não cognitivas que influenciam a capacidade de uma pessoa para ter sucesso em lidar com as demandas e pressões ambientais”. A terceira abordagem é protagonizada por Petrides e Furnham (2001), pela qual a I.E. é “uma constelação de traços e habilidades autopercebidas” (Petrides & Furnham, 2001, p. 425), que devem ser avaliadas por meio de autorrelato.” (Petrides & Furnham, 2003).

Decorre dessa multiplicidade de conceitos e abordagens, uma busca e disputa pela melhor maneira de mensurar a I.E. Nesse sentido, pode-se observar uma generalização de instrumentos de mensuração (Bru-Luna et al., 2021). Destacam-se: *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test – MSCEIT* (Mayer, Salovey & Caruso, 2000) *Emotional Quotient Inventory - EQ-I* (Bar-On, 1997), *Trait Emotional Intelligence Questionnaire - TEIQue* ((Petrides et.al., 2004) e *Wong and Law EI Scale – WLEIS* (Wong & Law, 2002). Portanto, aprofundar a compreensão do construto é ainda um desafio para os pesquisadores.

3 Metodologia

Desenvolveu-se um estudo quantitativo e descritivo, por meio de uma pesquisa bibliométrica. A bibliometria possibilita a análise estatística de dados bibliográficos, trazendo transparência, de modo a propiciar a reprodução (Aria & Cuccurullo, 2017). Como resultado, tem-se uma imagem da estrutura conceitual da produção científica, evidenciando pontos valiosos na construção da trajetória do campo de pesquisa, de modo a facilitar a percepção de *gaps* (Zupic & Čater, 2015).

Foram realizadas análises de citação e cocitação sobre Inteligência Emocional. A análise de citação investiga a relação entre documentos, identificando os autores mais citados, e com maior produtividade em intervalos regulares (Araújo, 2006). Na análise de citação, parte-se do pressuposto de que as obras são mais citadas quando vistas como mais importantes e, portanto, um artigo ganha prestígio na medida em que mais citado (Zupic & Čater, 2015).

A análise de cocitação é uma medida de igualdade, indicando a frequência com que duas referências são citadas juntas (Zupic, & Čater, 2015). É uma técnica que registra o número de trabalhos que citam simultaneamente publicações, e assim os artigos muito cocitados tendem a se reunir quando mapeados. Reflete a similaridade textual dos documentos selecionados, identificadas por meio de análises intertextuais e indica a trajetória do tema, (Vogel & Güttel, 2013).

3.1 Protocolo de Pesquisa

A seleção dos artigos analisados foi baseada no protocolo de pesquisa utilizado por Mostaghel et al. (2022), composto por seis etapas: (1) investigação inicial para determinação de palavras-chave e bases de dados; (2) buscas em base de dados; (3) remoção de duplicatas; (4) filtragem por título e palavras-chave; (5) filtragem baseada em resumos; e (6) filtragem baseada na leitura completa dos artigos.

A pesquisa foi realizada a partir do termo “*emotional intel**” na base *Web of Science*. Essa base é amplamente utilizada em pesquisas bibliométricas (Vogel & Güttel, 2013) pela sua confiabilidade na indexação de periódicos (Mostaghel et al., 2022). Inicialmente, foram identificados 10.092 documentos. Em seguida, foram selecionados apenas os documentos publicados até 2021, resultando em 9.875 documentos. Em busca de melhor foco, foram considerados apenas artigos, artigos de conferência, artigos de revisão e acesso antecipado, resultando em uma amostra final de 9.048 artigos.

A pesquisa gerada na *Web of Science* foi tratada com o auxílio do *software Bibexcel* (Pilkington, 2006). Em seguida, fez-se uma análise por meio do *software Excel*, visando corrigir possíveis erros, tais como divergência na grafia das referências e duplicações. Após a correção da base, foram geradas matrizes, analisadas, por meio de análise de componentes principais, com o uso do *software IBM SPSS*. A análise de componentes principais visa “encontrar um meio de condensar a informação contida em várias variáveis originais em um conjunto menor de variáveis estatísticas (fatores) com uma perda mínima de informação (Hair et al., 2014, pg. 33).

A análise de componentes principais foi conduzida pelo método de rotação *Varimax*. Foram descartados itens com cargas fatoriais cruzadas ou inferiores a 0,5, ou com comunalidade abaixo de 0,5 (Hair et al., 2014). Os itens agrupados foram validados mediante leitura.

4 Resultados e Discussão

Neste tópico são descritos os resultados obtidos. Com o objetivo entender as origens dos estudos sobre a inteligência emocional, aclarar o conceito e identificar o estado atual da pesquisa, foi realizada uma análise bibliométrica.

4.1 Análise de Citação

A análise de citação foi realizada com base em 9.048 artigos obtidos na base *Web of Science*. Segundo Zupic e Cater (2015), citações são utilizadas para comprovar a dimensão de importância de um determinado tema. Esses números demonstram o quanto esse tema é considerado relevante.

A primeira análise trata da evolução anual do número de publicações sobre o tema Inteligência Emocional, nos últimos 25 anos. Na Tabela 1, percebe-se um crescente aumento a partir do período de 2007. No último período analisado, 2017 a 2021, nota-se que o número de publicações supera a soma dos demais períodos, com média de 1049 publicações por ano. Esses dados demonstram o crescente interesse sobre o tema.

Tabela 1 Número de Publicações

Evolução Anual de publicações sobre Inteligência Emocional		
Período	Número de publicações	Média Anual
1997 - 2001	117	23
2002 - 2006	414	83
2007 - 2011	1115	223
2012 - 2016	2148	430
2017 - 2021	5243	1049

Fonte: elaborado pelos autores com base na *Web of Science* (2022).

A segunda análise teve foco no número de citações. Os 9.048 artigos foram citados 180.717 vezes, por 80.900 citantes, sem a ocorrência de autocitação. Na Tabela 2 pode-se observar os 10 artigos com maior número de citações. O artigo mais citado é o *Development and validation of a measure of emotional intelligence*, com 1.473 citações, cujos autores Nicola S. Schutte *et al.* abordam uma série de estudos sobre o desenvolvimento de uma medida de inteligência emocional baseada no modelo desenvolvido por Salovey e Mayer (1990). Destaca-se a presença do autor John D. Mayer, seminal na conceituação sobre a I.E. em três dos artigos mais citados.

Tabela 2
Artigos mais citados

Artigos	Autores	Ano	Journal	Citações
<i>Development and validation of a measure of emotional intelligence</i>	Schutte et al.	1998	<i>Personality And Individual Differences</i>	1473
<i>Psychological Correlates of University Students' Academic Performance: A Systematic Review and Meta-Analysis</i>	Richardson, Abraham & Bond	2012	<i>Psychological Bulletin</i>	1323
<i>The effects of leader and follower emotional intelligence on performance and attitude: An exploratory study</i>	Wong & Law	2002	<i>Leadership Perspective</i>	1223
<i>Emotional intelligence meets traditional standards for an intelligence</i>	Mayer, Caruso & Salovey	1999	<i>Intelligence</i>	1181
<i>Personality and the prediction of consequential outcomes</i>	Ozer & Benet-Martinez	2006	<i>Annual Review of psychology</i>	1134
<i>Toward machine emotional intelligence: Analysis of affective physiological state</i>	Picard, Vyzas & Healey	2001	<i>IEEE transactions on pattern analysis and machine intelligence</i>	1127
<i>Assessment of mindfulness by self-report - The Kentucky inventory of mindfulness skills</i>	Baer, Smith & Allen	2004	<i>Assessment</i>	1112
<i>A Meta-Analysis of the Five-Factor Model of Personality and Academic Performance</i>	Poropat	2009	<i>Psychological Bulletin</i>	1092
<i>Human abilities: Emotional intelligence</i>	Mayer, Robert & Barsade	2008	<i>Annual Review of psychology</i>	880
<i>Measuring Emotional Intelligence with the MSCEIT V2.0</i>	Mayer, Salovey & Caruso	2003	<i>Emotion</i>	814

Fonte. elaborado pelos autores com base na *Web of Science* (2022).

Identificou-se então, aos autores mais profícuos. A Tabela 3 apresenta os principais autores, no período de 1997 a 2021. Nota-se que o autor com maior número de publicações é

o Psicólogo Dr. Natalio Extremera Pacheco, atual Codiretor dos Mestres em Inteligência Emocional na Universidade de Málaga, na Espanha. Em segundo lugar, o professor de Psicologia e Psicometria da University College London (UCL), Konstantinos Vassilis Petrides.

Tabela 3
Autores mais profícuos

Número de publicações por autor	
Autor	Publicações
Extremera N	91
Petrides KV	89
Fernandez-berrocal P	77
Di Fabio A	53
Saklofske DH	46
Furnham A	45
Rey L	45
Salovey P	38
Mikalajczak M	35
Roberts RD	35

Fonte. elaborado pelos autores com base na *Web of Science* (2022).

Em relação aos países com maior número de publicações, em primeiro lugar aparece os Estados Unidos (n=2049), seguido pela Espanha (n=1237) e Inglaterra (n=778). De modo complementar, quando considerada as instituições de ensino de afiliação dos autores, a *University of London* (Inglaterra, n=213), a *Universidad de Malaga* (Espanha, n= 183) e a *LERU - League of Europa Research Universities* (Europa, n=157) são as principais instituições a publicar sobre I.E., indicando que o núcleo dos estudos sobre o tema está nas Universidades Europeias.

A análise de citação possibilitou uma visão panorâmica das origens dos estudos sobre a inteligência emocional e do estado atual da pesquisa. Para Zupic e Čater (2015), sintetizar descobertas de pesquisas anteriores é uma das tarefas mais importantes para o avanço de uma linha específica de pesquisa. Nesse sentido, os resultados indicaram que o tema segue em efervescência, com aumento contínuo no número de publicações e com evidente crescimento a partir de 2007, sendo 2021 o ano de maior publicação na amostra (n=1209).

De forma agregada, as análises corroboram a existência das diferentes abordagens sobre a Inteligência Emocional, indicando a ausência de uma única conceituação. Por exemplo, em relação aos 10 artigos mais citados, observa-se que a I.E. é associada a diferentes abordagens: é associada à traços em quatro artigos (Schutte et al., 1998; Ozer & Benet-Martinez, 2006; Poropat, 2009; Richardson, Abraham & Bond, 2012) a habilidades e competências em quatro artigos (Mayer, Caruso & Salovey, 1999; Wong & Law, 2002; Mayer, Salovey & Caruso, 2003; Mayer, Robert & Barsade, 2008) e a uma abordagem mista em dois artigos (Picard, Vyzas & Healey, 2001; Baer, Smith & Allen, 2004).

A natureza multifacetada observada no conceito de Inteligência Emocional traz contornos incertos ao construto, dificultando a construção convergente dos conhecimentos estabelecidos. Essa complexidade conceitual, somada à popularidade do termo, pode resultar em interpretações errôneas, de modo a gerar expectativas e usos com pouco, ou nenhum, embasamento científico, por pesquisadores iniciantes no tema. Faz-se necessário aclarar as diferentes abordagens, indicando seu correto uso e alcance. Nesse sentido, novas pesquisas, em especial de caráter empírico, podem testar os conceitos teóricos estabelecidos.

A fim de obter maior robustez nas análises, conduziu-se uma análise de cocitação.

4.2 Análise de Cocitação

Para a análise de cocitação, foram selecionados os 500 artigos mais citados, gerando assim, uma base com 20.794 documentos citados. Após o tratamento dessa base, com a exclusão de duplicidades e correção na grafia das referências, criou-se uma matriz de cocitação, com o uso do *software* Bibexcel (Pilkington, 2006). Em seguida, realizou-se uma Análise de Componentes Principais com o uso do *software* IBM SPSS. A análise resultou em quatro fatores (Tabela 4). Todos os testes mostraram-se adequados (Hair et al., 2014): KMO da análise foi de ,855, teste de esfericidade de Bartlett < 0,001, comunalidades > 0,5 e cargas fatoriais > 0,5.

Tabela 4
Análise dos Componentes Principais

Matriz de Componente Rotacionada

	Component			
	1	2	3	4
George (2000)	,887			
Thorndike (1920)	,817			
Law, Wong & Song (2004)	,817			
Davies, Stankov & Robert (1998)	,781			
Wong & Law (2002)	,757			
Goleman (1998)	,744			
Mayer & Salovey (1993)	,728			
Mayer et al. (2000)	,703			
Bar-On (1997)	,699			
Petrides, Frederickson & Furnham (2004)		,737		
Parker et al. (2004)		,715		
Saklofske, Austin & Minski (2003)		,700		
Austin, Saklofske & Egan (2005)		,685		
Petrides, Pérez-Gonzales & Furnham (2007)		,650		
Schutte et al. (2002)			,907	
Schutte et al. (2007)			,874	
Mayer, Salovey & Caruso (2002)				,834
O'Boyle et al. (2011)				,770

Método de Extração: Análise de componentes principais.
Método de Rotação: Varimax com Normalização Kaiser.
a. Rotação convergiu em 6 iterações.

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

O primeiro fator agrupou os artigos mais antigos, incluindo o artigo *Intelligence and its uses*, que definiu inteligência social como “a capacidade de entender e gerenciar homens e mulheres, meninos e meninas, e de agir com sabedoria nas relações humanas” (Thorndike, 1920, p. 228). O conceito de inteligência social serviu de base conceitual para a I.E (Law, Wong & Song, 2004). O artigo consta nas referências dos protagonistas das quatro principais

abordagens utilizadas na I.E.: Salovey e Mayer (1990), Goleman (1995), Bar-On (1997), Davies, Stankov e Robert (1998) e Petrides e Furnham (2001).

Os nove artigos associados a esse fator, apresentam discussões em relação a melhor compreensão sobre a Inteligência Emocional. A principal discussão se dá de modo a fortalecer os argumentos que sustentem a compreensão da Inteligência Emocional como um conjunto de habilidades cognitivas, que os indivíduos usam para entender, ajustar e fazer uso de suas emoções, visando assim, demonstrar que a I.E. é distinta dos traços de personalidade (Mayer & Salovey, 1993; Davies, Stankov & Robert, 1998; George, 2000; Mayer et al., 2000; Wong & Law, 2002; Law, Wong & Song, 2004). Nessa abordagem, os autores convergem na definição de IE como um construto quadridimensional.

Nesse sentido, seguindo a abordagem de I.E. associada a habilidades e competências (Mayer & Salovey, 1993), George (2000, p.1027), propõe-se que a “inteligência emocional, ou seja, a capacidade de compreender e gerir humores e emoções em si e nos outros, contribui para uma liderança eficaz nas organizações”. De forma complementar, Mayer et al. (2000) propuseram três critérios que qualificam a IE como uma faceta da inteligência: critérios conceituais, pelos quais a I.E. deve refletir habilidades mentais em vez de formas preferenciais de comportamento; critérios correlacionais, os quais devem representar um conjunto de habilidades correlacionadas que, embora semelhantes, sejam distintas das habilidades mentais; e de desenvolvimento, pela qual a habilidade de uma pessoa deve aumentar à medida que ela se torna mais madura.

Em concordância, porém com base em Davies, Stankov e Robert (1998), Wong e Law (2002) e Law, Wong e Song (2004) sustentam a visão de I.E. como um conjunto de habilidades cognitivas, distintas das dimensões de personalidade capturadas no modelo *Big Five* (McCrae & Costa, 1987). Wong e Law (2002) desenvolveram a escala *Wong and Law EI Scale (WLEIS)*. Law, Wong e Song (2004) buscam dar validade à escala WLEIS e propõem, como principais resultados, que a IE está relacionada, mas é distinta das dimensões da personalidade da *Big Five* e pode ser um bom preditor de desempenho no trabalho.

Goleman (1995) e Bar-On (1997), completam o Fator 1, tendo por convergência, o conceito de I.E. como um misto de traços, competências e habilidades. Os autores consideram a I.E. um construto formado por cinco fatores. Este agrupamento reforça os resultados obtidos na análise de citação, que indicam a essência multifacetada do conceito de Inteligência Emocional.

No segundo fator, o foco central de debate é a I.E. tida como traço, e não como habilidade, e que deve ser mensurada por questionários de auto-relato, não por testes de desempenho baseados em capacidades cognitivas (Petrides & Furnham, 2001). Petrides, Frederickson, & Furnham (2004), testaram os conceitos de I.E. de traço em um contexto de desempenho escolar, concluindo que existem dois construtos de I.E., um de traço e outro de habilidades. Em termos empíricos, indicaram que a inteligência emocional traço, “traço IE”, moderou a relação entre habilidade cognitiva e desempenho acadêmico.

Saklofske, Austin e Minski (2003), a partir da análise da escala proposta por Schutte et al. (1998), buscam validar as indicações de Petrides e Furnham (2001), avaliando a capacidade de I.E. de traço em prever aspectos relacionados ao conceito, tais como satisfação com a vida, felicidade subjetiva, solidão e propensão à depressão. De modo adicional, Austin, Saklofske & Egan (2005) avaliam as associações entre a IE tanto no nível de escala quanto de subescala e uma série de variáveis teoricamente ligadas. Duas escalas foram utilizadas: a Bar-On EQ-i:S (Bar-On, 2002) e uma versão modificada da escala de Schutte et al. (1998). Os achados indicaram que a validade incremental da IE sobre a personalidade pode apresentar resultados distintos, a depender da combinação da IE e das medidas de personalidade utilizadas. Petrides, Pérez-González & Furnham (2007) completam o Fator 2, indicando que o traço IE se relaciona

com a personalidade, com efeitos que são incrementais sobre as dimensões básicas da personalidade e do humor.

O Fator 3 é composto por dois artigos, ambos tendo por primeiro autor a professora Nicola Schute. Os artigos propõem uma relação positiva entre a I.E. e a saúde e o bem-estar emocional. Schutte et al. (2002) testam a relação entre a inteligência emocional, mensurada como um traço, e o estado de humor e estado de autoestima. Os resultados indicaram que maior inteligência emocional estava associada a um humor mais positivo e maior autoestima. Schutte et al. (2007) conduziram uma meta análise, propondo uma associação direta entre inteligência emocional e saúde física, mental e psicossomática. Os resultados obtidos indicam que a I.E, mensurada como um traço, foi mais fortemente associada à saúde mental do que a inteligência emocional mensurada como uma habilidade.

O quarto fator traz Mayer, Salovey e Caruso (2002) como o artigo com maior carga fatorial. Os autores propõem o teste *Mayer–Salovey–Caruso Emotional Intelligence Test – MSCEIT*, no qual a Inteligência Emocional é mensurada através de uma sequência de questões objetivas e impessoais, testando assim a habilidade do entrevistador de usar, perceber, compreender e regular as emoções. O’Boyle et al. (2011) realizou uma meta-análise com o objetivo de comparar como diferentes métodos de mensuração e conceituação de IE podem prever o desempenho do indivíduo no trabalho.

A análise de cocitação evidenciou a natureza multifacetada do conceito Inteligência Emocional, corroborando os achados obtidos na análise de citação, que indicam a existência de três principais abordagens conceituais. Essa também se alinha aos achados de (Bru-Luna et al., 2021). De modo a auxiliar no mapeamento das principais abordagens e aclarar os pilares conceituais estabelecidos, a Tabela 5 é uma síntese dos resultados:

Tabela 5
Síntese das principais abordagens sobre I.E.

	Salovey e Mayer	Goleman	Bar-On	Petrides e Furnham
Conceito de I.E.	“A capacidade de perceber e expressar a emoção, assimilar a emoção no pensamento, compreender e raciocinar com a emoção e regular a emoção em si mesmo e nos outros”. (Mayer, Salovey, & Caruso, 2000, p. 396)	“A <i>inteligência</i> emocional determina nosso potencial para aprender as habilidades práticas” (Goleman, 1998, p. 48).	“A inteligência emocional é uma série de capacidades, competências e habilidades não cognitivas que influenciam a capacidade de uma pessoa para ter sucesso em lidar com as demandas e pressões ambientais” (Bar-On, 1997, p. 14).	“O traço IE refere-se a uma constelação de autopercepções e disposições relacionadas à emoção, avaliadas por meio de autorrelato. A composição precisa dessas autopercepções e disposições varia entre diferentes conceituações [...]” (Petrides & Furnham, 2001, p.40)
Dimensões da I.E.	Percepção e Expressão da Emoção: identificar e expressar emoções em seus estados físicos, sentimentos e pensamentos, inclusive em outras pessoas; Assimilação da Emoção no Pensamento: uso de experiências emocionais	Autoconsciência: melhorar no reconhecimento das próprias emoções; maior capacidade de entendimento das causas dos sentimentos; Automotivação: Maior capacidade de concentrar-se na tarefa	Habilidades Intrapessoais: Autoconsciência emocional, assertividade, autoestima, autorrealização e independência; Habilidades Interpessoais: Relações interpessoais,	15 dimensões Adaptabilidade; Assertividade; Avaliação emocional (de si e dos outros); Expressão de emoção Gestão de emoções (dos outros); Regulação das emoções; Impulsividade (baixa);

para promover o pensamento; **Compreensão e análise da emoção:** a compreensão emocional envolve a capacidade de reconhecer as emoções, saber como elas se desenrolam e raciocinar sobre elas de acordo; **Regulação Reflexiva da Emoção:** capacidade de monitorar reflexivamente e regular as emoções para promover o crescimento emocional e intelectual. (Mayer et al., 2011)

imediatas; menor impulsividade. **Autocontrole:** melhorar ao lidar com a tensão; maior controle da ira e melhor tolerância à frustração; **Empatia:** maior capacidade de empatia e sensibilidade com os sentimentos dos outros; **Habilidade Social:** maior capacidade de análise dos relacionamentos de modo a solucionar conflitos. (Goleman, 1995)

responsabilidade social e empatia; **Habilidades de Adaptação:** Resolução de problemas, Flexibilidade; **Habilidades de Gerenciamento de Estresse e Humor Geral:** Tolerância ao estresse, controle de impulso, humor geral (Bar-On, 1997)

Habilidades de relacionamento; Autoestima; Automotivação; Competência social; Gestão do stress; Traço de empatia; Traço de felicidade; Traço de otimismo. (Petrides & Furnham, 2001, p. 428)

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

A rede de ligação e colaboração sobre a Inteligência Emocional pode ser observada na Figura 1

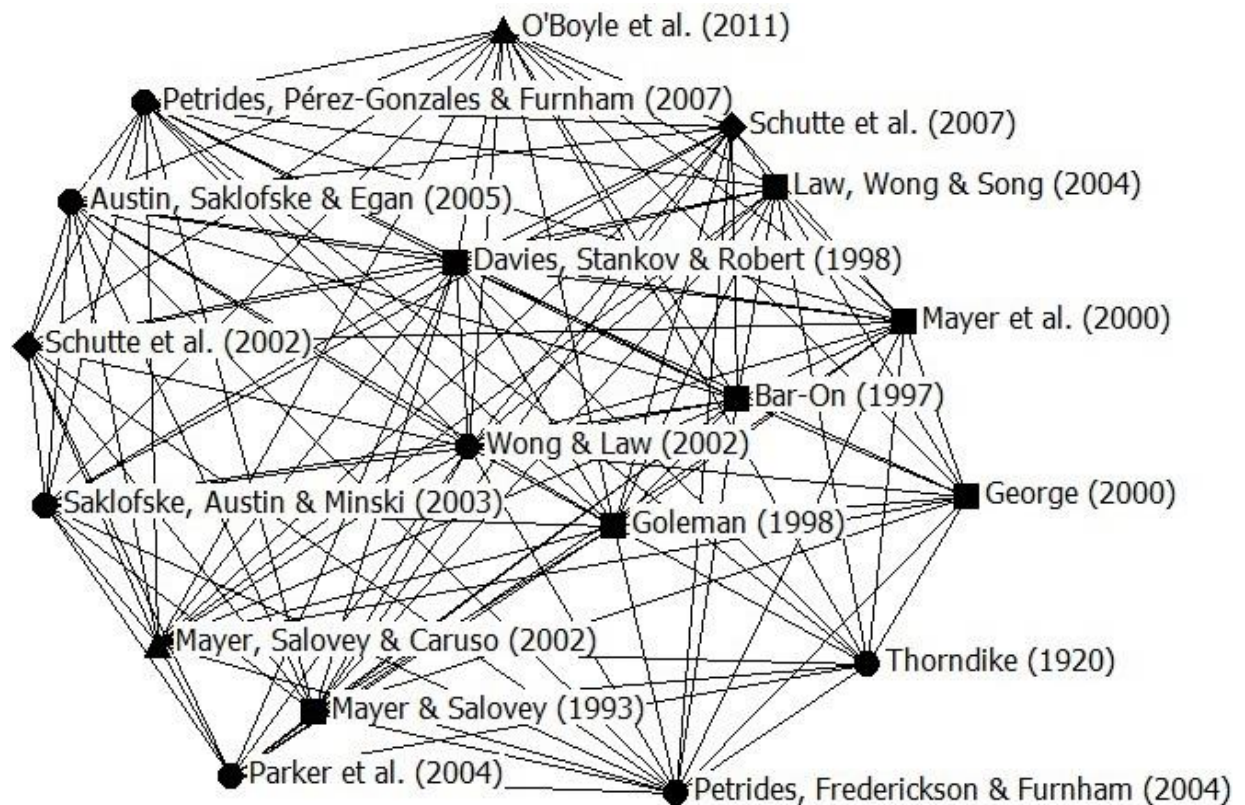


Figura 1. Rede de cocitação
 Fonte: Ucinet (2022).

Na Tabela 6 pode-se observar as características dos principais instrumentos utilizados na mensuração da Inteligência Emocional

Tabela 6
Principais instrumentos de mensuração de I.E.

Instrumento de Mensuração	Autor	Abordagem	Características
<i>Emotional Quotient Inventory – EQ-I</i>	(Bar-On, 1997)	Mista	O EQ-i é uma medida de auto-relato de comportamento emocional que fornece uma estimativa de I.E e de inteligência social. Foi o primeiro instrumento de mensuração de I.E. a considerar habilidades e traço de personalidade. Foi traduzido para mais de 30 idiomas. Possui 133 itens, observando os componentes Intrapessoal (autoestima, autoconsciência emocional, assertividade, independência e autorrealização), Interpessoal (Empatia, Responsabilidade Social e Relacionamento Interpessoal), Gerenciamento de estresse (tolerância ao estresse e controle de impulsos), Adaptabilidade (teste de realidade, flexibilidade e resolução de problemas) e Escala Geral de Humor (Otimismo e Felicidade). O tempo médio de aplicação é de 30 minutos. Existem novas versões, dentre as quais a EQ-i 2.0, aplicada de forma on-line, é a mais utilizada.
<i>Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test – MSCEIT</i>	(Mayer, Salovey & Caruso, 2000)	Habilidades	É um teste baseado em habilidades projetado para medir os quatro ramos do modelo de I.E. de Salovey e Mayer. Foi criado a partir do modelo Trait Meta-Mood Scale (TMMS), o primeiro instrumento criado sob essa conceituação. O MSCEIT é composto por 141 itens e leva de 30 a 45 minutos para ser concluído.
<i>Trait Emotional Intelligence Questionnaire - TEIQue</i>	(Petrides et.al., 2004)	Traços	O Trait Emotional Intelligence Questionnaire (TEIQue) é o principal instrumento de mensuração de I.E. baseado em traços. É um inventário de auto-relato que abrange o traço EI. É composto por 153 itens, medindo 15 facetas distintas, sob 4 fatores.
<i>Wong and Law EI Scale – WLEIS</i>	(Wong & Law, 2002)	Habilidades	A <i>Wong and Law EI Scale (WLEIS)</i> foi desenvolvida a partir da revisão de literatura de Davies, Stankov e Robert (1998) para mensurar a IE de forma breve, em estudos de liderança e gestão. Possui 16 questões.

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

5 Considerações Finais

O objetivo deste artigo é o entender as origens dos estudos sobre a Inteligência Emocional, aclarar o conceito e identificar o estado atual da pesquisa. Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, por meio de análises de citação e cocitação. Os resultados indicaram a trajetória de evolução dos estudos sobre a Inteligência Emocional, evidenciaram a essência multifacetada do construto, apresentaram as principais definições e as três principais abordagens, assim como os principais autores.

É importe a compreensão das três abordagens, de modo a mitigar o uso indevido dos conceitos distintos, propostos pelos diferentes autores. A não observância da divergência

conceitual pode emaranhar a construção de conhecimento sobre o tema. Por consequência, a falta de entendimento do conceito pode gerar o uso indevido e criar falsas expectativas e, em última instância, gerar resultados incoerentes sobre a I.E.

A fim de mitigar possíveis vieses de pesquisa e aumentar o rigor científico, a pesquisa foi conduzida com base no protocolo adotado por Mostaghel et al. (2022), com o uso de técnicas recentes de análise de dados. No entanto, embora os objetivos tenham sido atingidos, limitações devem ser consideradas. A principal limitação se dá em relação à não observância do motivo da citação, de modo que um artigo pode ter sido citado por contestação.

Pesquisas futuras podem analisar possíveis avenidas de pesquisa, por meio de técnicas de pareamento bibliográfico. Pesquisas empíricas também podem testar a adequação e validade dos instrumentos utilizados na mensuração da Inteligência Emocional.

Referências

- Aria, M., & Cuccurullo, C. (2017). Bibliometrix: An R-tool for comprehensive science mapping analysis. *Journal of Informetrics*, 11(4), 959–975.
- Austin, E. J., Saklofske, D. H., & Egan, V. (2005). Personality, well-being and health correlates of trait emotional intelligence. *Personality and Individual Differences*, 38(3), 547-558.
- Bar-On, R. 1997. BarOn Emotional Quotient Inventory: Technical Manual. Toronto: Multi-Health Systems.
- Bar-On, R. (2002). Bar-On EQ-i:S Technical Manual. Toronto: Multi-Health Systems.
- Bru-Luna, L. M., Martí-Vilar, M., Merino-Soto, C., & Cervera-Santiago, J. L. (2021). Emotional intelligence measures: a systematic review. *Healthcare* 9(12), 1696.
- G1. Economia. (2020). Trabalho em equipe e inteligência emocional são habilidades mais valorizadas por grandes empresas, diz pesquisa. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/11/17/trabalho-em-equipe-e-inteligencia-emocional-sao-habilidades-mais-valorizadas-por-grandes-empresas-diz-pesquisa.ghtml> recuperado em 20.07.2022.
- Goleman, D. (1995). Emotional Intelligence. New York: Bantam.
- Goleman, D. (1998). *Working with emotional intelligence*. New York: Bantam.
- Goleman, D. (2011). Inteligência Emocional A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2014). Exploratory factor analysis. *Multivariate data analysis*, 7th Pearson new international ed. Harlow: Pearson.
- Law, K. S., Wong, C. S., & Song, L. J. (2004). The construct and criterion validity of emotional intelligence and its potential utility for management studies. *Journal of applied Psychology*, 89(3), 483.
- McCrae, R. R., & Costa Jr., P. T. (1987). Validation of the five-factor model of personality across instruments and observers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (1), 81 – 90.
- Mayer, J. D., DiPaolo, M., & Salovey, P. (1990). Perceiving affective content in ambiguous visual stimuli: A component of emotional intelligence. *Journal of personality assessment*, 54(3-4), 772-781.
- Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. R. (2000). Models of emotional intelligence. In R. J. Sternberg (Ed.), *Handbook of intelligence* (pp. 396–420). New York, NY: Cambridge University Press.
- Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. (2002). Mayer–Salovey–Caruso Emotional Intelligence Test (MSCEIT): User’s manual. Toronto, ON: Multi-Health Systems.
- Mayer, J. D., Roberts, R. D., & Barsade, S. G. (2008). Human abilities: Emotional intelligence. *Annual review of Psychology*, 59(1), 507-536.

- Mayer, J. D., Salovey, P., Caruso, D.R. & Cherkasskiy, L. (2011). Emotional Intelligence. In: *The Cambridge Handbook of Intelligence*, p.528-549.
- Montenegro, A., Dobrota, M., Todorovic, M., Slavinski, T., & Obradovic, V. (2021). Impact of construction project managers' emotional intelligence on project success. *Sustainability*, 13(19), 10804.
- Mostaghel, R., Oghazi, P., Parida, V., & Sohrabpour, V. (2022). Digitalization driven retail business model innovation: Evaluation of past and avenues for future research trends. *Journal of Business Research*, 146, 134-145.
- O'Boyle Jr, E. H., Humphrey, R. H., Pollack, J. M., Hawver, T. H., & Story, P. A. (2011). The relation between emotional intelligence and job performance: A meta-analysis. *Journal of Organizational Behavior*, 32(5), 788-818.
- Petrides, K. V., & Furnham, A. (2001). Trait emotional intelligence: Psychometric investigation with reference to established trait taxonomies. *European journal of personality*, 15(6), 425-448.
- Petrides, K. V., & Furnham, A. (2003). Trait emotional intelligence: Behavioural validation in two studies of emotion recognition and reactivity to mood induction. *European journal of personality*, 17(1), 39-57.
- Petrides, K. V., Frederickson, N., & Furnham, A. (2004). The role of trait emotional intelligence in academic performance and deviant behavior at school. *Personality and individual differences*, 36(2), 277-293.
- Petrides, K. V., Pérez-González, J. C., & Furnham, A. (2007). On the criterion and incremental validity of trait emotional intelligence. *Cognition and emotion*, 21(1), 26-55.
- Pilkington, A. (2006). *Bibexcel–Quick Start Guide to Bibliometrics and Citation Analysis*.
- Robbins, S.P. (2009). *Comportamento Organizacional*. São Paulo: Pearson.
- Saklofske, D. H., Austin, E. J., & Minski, P. S. (2003). Factor structure and validity of a trait emotional intelligence measure. *Personality and Individual Differences*, 34(4), 707-721.
- Salovey, P. & Mayer, J.D. (1990). Emotional Intelligence. *Imagin. Cogn. Pers.*, 9, 185–211.
- Schutte, N. S., Malouff, J. M., Simunek, M., McKenley, J., & Hollander, S. (2002). Characteristic emotional intelligence and emotional well-being. *Cognition & Emotion*, 16(6), 769-785.
- Schutte, N. S., Malouff, J. M., Thorsteinsson, E. B., Bhullar, N., & Rooke, S. E. (2007). A meta-analytic investigation of the relationship between emotional intelligence and health. *Personality and individual differences*, 42(6), 921-933.
- Thorndike, E. L. (1920). Intelligence and its uses. *Harper's magazine*.
- Vogel, R. & Güttel, W. H. (2013). The dynamic capability view in strategic management: a bibliometric review. *International Journal of Management Reviews*, 15(4), 426-446.
- Zupic, I. & Čater, T. (2015). Bibliometric methods in management and organization. *Organizational Research Methods*, 18(3), 429–472.